



O remo em Campinas: *Clube Campineiro de Regatas e Natação* e as novas relações com a natureza (1918-1935)

Catharina Ulian Musa

Orientadora: Carmen Lucia Soares

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O remo foi uma prática difundida no Brasil desde o fim do século XIX e início do século XX¹. Praticado em praias brasileiras, bem como em rios que banham o país, o remo pertenceu a uma categoria de prática múltipla, seja como divertimento, competição, meio de transporte ou, ainda, trabalho. Nossa pesquisa analisa a prática do remo e as competições de regatas na cidade de Campinas, cidade que se desenvolveu economicamente pela cultura do café e que demonstrou signos de modernidade. Entre estes, podemos destacar a criação da estrada de ferro, a chegada dos bondes elétricos, assim como uma valorização da natureza e seus elementos, incorporando ideias e ideais que consolidaram práticas realizadas ao ar livre como era o caso do remo.

Essa nova relação do ser humano com a natureza emergiu no Brasil no final do século XVIII, principalmente nos lugares mais urbanizados com a criação de jardins públicos, hortos e praças. É ao longo do século XIX e, sobretudo, nas três primeiras décadas do século XX que se consolidaram e ampliaram-se ideias e ideais de valorização dos elementos naturais “como lugares de cura, de divertimento, de educação e, para além dos muros escolares, produzem efeitos sobre os indivíduos e a sociedade” (SOARES, p. 18, 2016). É instigante pensar que as relações entre os seres humanos e a natureza não são estáticas; elas variam com o tempo. As sociedades expressam distintas maneiras de compreender a natureza e seus elementos de acordo com suas crenças, com o desenvolvimento científico e tecnológico, enfim, com a cultura de modo mais amplo. (THOMAS, 1983; WILLIAMS, 2011)

Na cidade de Campinas, em consonância com este ideário, teve início, ainda que timidamente, a construção de parques, praças, arborização de ruas, bem como a construção de clubes esportivos e recreativos, como foi o caso do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, nosso objeto de estudo. É dessa forma que, desde fins do século XIX e início do século XX, a cidade se tornava mais urbanizada, gerando um novo contexto social neste ambiente, fase que “foi marcada pelo surgimento de várias sociedades recreativas e culturais e com elas diferentes sociabilidades se afirmaram, reunindo campineiros para a leitura, a dança, a apreciação musical, piqueniques campestres e patuscadas.” (SIQUEIRA, p.11, 2009)

Dessa forma, diante das circunstâncias presentes, a cidade de Campinas começou a vivenciar novas práticas educativas, recreativas e esportivas desenvolvidas junto à natureza, dentre elas, o remo. Esta prática já se fazia presente em diversas regiões do país, principalmente em aglomerações urbanas do litoral como a capital federal, o Rio de Janeiro, bem como naquelas banhadas por rios como Belém do Pará, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre entre outras.

¹ É importante destacar que a palavra “remo” a qual me refiro ao longo deste trabalho aporta o significado de prática esportiva, pois o ato de remar esteve presente no país desde muitos séculos atrás para diversos fins que não o esporte e pertencente a diferentes grupos humanos.

No caso de Campinas, mesmo não sendo uma capital, a presença de um rio, o Atibaia, o qual oferecia todas as possibilidades para a prática desse esporte, foi o princípio para a criação, em 1918, do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*. A ideia de se criar um clube voltado às práticas aquáticas já estava presente em Campinas desde 1910, devido a referências que a cidade tinha de outras onde já havia clubes, como Rio de Janeiro e São Paulo. É importante destacar que as práticas aquáticas eram discernidas como símbolo da modernidade na cidade, uma vez que os esportes aquáticos faziam parte de novas representações e relações com a natureza e seus elementos como marcas de progresso da vida urbana em desenvolvimento.

A criação do clube, desse modo, parece-nos, a princípio, ter como objetivo a prática do remo, da natação e dos saltos ornamentais, além das regatas, é claro. Dessa forma, levantamos algumas questões: seriam as regatas mais uma possibilidade de tornar visível o apreço por novas relações com a natureza, particularmente com a água? Quais qualidades físicas eram valorizadas, evidenciadas e quais valores aquela sociedade queria demonstrar e enfatizar com a prática do remo e das regatas? Quais eram as contribuições das mulheres para a prática do remo no clube? Como esses novos ideais de modernidade e progresso expressos pela criação de um clube, foram traduzidos na sociedade? E, ademais, quais foram as novas representações, além das práticas aquáticas (esportivas ou não), que o clube desenvolveu ao longo do tempo?

Antes de responder a estas questões seria importante destacar que a cidade já acolhia conjunto diversificado de práticas de divertimento como era o caso das corridas de cavalo, dos passeios a pé e piqueniques realizados em parques e praças recém-construídos na cidade. O Rio Atibaia tornou-se, assim, um lugar que ampliava as práticas de divertimento já existentes, além daquelas que compunham o mundo do trabalho, uma vez que suas águas eram também utilizadas para diversos fins, principalmente pelas fazendas cafeeiras situadas próximas ao rio, para o sustento de famílias por meio da pesca, da irrigação de chácaras e quintais e da retirada de argila para a construção de moradias. Suas margens eram, também, lugar em que rebanhos de gado ou cabras, cavalos e burros bem como galinhas, porcos e cachorros se alimentavam e saciavam sua sede (SIQUEIRA, p.25, 2009). É possível perceber a importância desse rio para a vida da cidade e de seus arredores como lugar de uma miríade de práticas. Desse modo o surgimento de um clube em suas margens não surpreende e este espaço mais delimitado acolheu, conforme já assinalamos, conjunto significativo de práticas recreativas e esportivas aquáticas, além de outras próprias da vida associativa como bailes, festas, piqueniques, jogos e competições bastante aproveitados pelos frequentadores.

Este agrupamento de práticas corporais pode ser definido como uma *cultura física* que, segundo Kirk (1999), citado por Moraes e Silva; Soares e Quitzau (2018a) e Moraes e Silva e Quitzau (2018b), trata-se de conjunto de amplo espectro de discursos acerca do corpo e de práticas que se realizam pela expressão física, que foi eminente durante o século XIX e início do século XX. Segundo Furtado (2018), para Kirk (1999), Moraes e Silva (2011) e Scharagrodsky (2014) a cultura física “permite identificar um amplo repertório de práticas e construções discursivas sobre o corpo, grupos sociais, indivíduos e instituições”.

Esta pesquisa se justifica por considerar a prática do remo, assim como outras citadas ao longo da introdução, como possibilidades de explorar a aventura, a alegria e o contentamento que uma prática recreativa ou esportiva junto à natureza aporta. Ou seja, essas práticas expressam ideais de progresso e modernidade presentes na época em que se exaltam qualidades físicas, o vigor e a energia manifestos em um corpo ágil e veloz, além de imporem desafios físicos de confronto com a natureza, consigo mesmo e com aparatos técnicos (barco, remo). Mesmo que inúmeros pesquisadores já tenham se debruçado sobre o tema em diferentes cidades brasileiras, para Campinas as pesquisas são pouco numerosas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que, ao estudar a prática do remo na cidade de Campinas, se insere na história do esporte regional contribuindo assim para o seu desenvolvimento, podendo, dessa forma, fomentar novas pesquisas sobre o tema.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a prática do remo na cidade de Campinas, no âmbito do *Clube Campineiro de Regatas e Natação* no período compreendido entre 1918 e 1935. Objetiva, ainda, examinar as competições realizadas com o barco a remo - as regatas presentes na cidade- no período aqui delimitado, como expressão de novas relações com a natureza e seus elementos presentes no período.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, toma como fontes a imprensa local (revistas e jornais), fotografias, atas e documentos oficiais do clube, além de outros artefatos da cultura material. A revisão bibliográfica engloba tanto estudos sobre a cidade de Campinas do período delimitado quanto aqueles que já se debruçaram especificamente sobre o clube e, ainda, sobre a prática do remo em outras regiões do país. É nosso propósito assinalar o quanto as transformações do período estabelecem vínculos com uma nova sensibilidade urbana que se instala na cidade e que desenha novas relações com a natureza que se iniciaram e se expandiram no período delimitado pelo nosso estudo.

A fundamentação teórica e metodológica se apoia em trabalhos e autores como Bloch (2001) e Le Goff (1988), sobre os entendimentos acerca da história e do historiador; Luca (2005) e Martins (2001) para o entendimento da imprensa como fonte para a pesquisa histórica; Burke (2004), Mauad (2016) e Sontag (2003; 2004) para a compreensão do uso de imagens como evidência histórica; Bourdieu (1983; 2007), autor fundamental para entendermos as relações do ser humano com as práticas esportivas em ascensão na época; Lapa (1996), para os estudos sobre a cidade de Campinas; Licht (1986), que conta a história do remo nacional e internacional, desde o surgimento até as competições; Melo (2006), que estuda o contexto do remo no âmbito das mudanças sociais e culturais presentes no Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e início do século XX; Soares (2016), para os estudos das práticas corporais em meio à natureza; e, por fim, Siqueira (2009), que toma o *Clube Campineiro de Regatas e Natação* e às relações com o ambiente aquático e suas novas práticas corporais como objeto de estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Palco de inúmeras práticas - como a natação e o atletismo - o *Clube Campineiro de Regatas e Natação* teve, durante muitos anos, as regatas como grande atração. Sendo assim, nota-se um acentuado entusiasmo da imprensa ao noticiar sobre as competições de barco a remo e, também, um grande interesse do público em assisti-las, como se pode constatar na Revista *A Onda* (1921, n. 4):

A festa de aniversário [...] constituiu um verdadeiro acontecimento no nosso meio esportivo e servia até uma nota de destaque nos mais adiantados centros de esporte, taes foram as peripécias, com que se desenrolaram as diversas competições, o entusiasmo dos assistentes, as diferenças diminutas entre os vencedores e os respectivos adversarios.

Além desse entusiasmo com relação às regatas, nota-se também o começo da ideia dos ídolos do esporte que, diferente do turfe, em que o centro das atenções era os animais e seus donos, tem-se agora sua imagem representada em um ser humano, o qual era conhecido pelo seu nome e tinham certa popularidade (LUCENA, 2001). Podemos constatar essa asserção em que expressões como “pelo valor de seus respectivos concorrentes” e “aplaudir os esportistas em lucta” que aparecem mostrando essa fama dos remadores⁴ (REVISTA A ONDA, 1921).

De acordo com Mascarenhas (2001) o remo, por seu elevado custo, “figurava entre as modalidades esportivas restritas às camadas sociais mais favorecidas”. No primeiro ano do clube, tinha-se apenas uma embarcação e, já em 1919, ano em que o clube foi oficialmente inaugurado, cinco embarcações do tipo baleeira faziam parte da aparelhagem do remo. Assim, quem remava nos

primórdios do *Clube Campineiro de Regatas e Natação* eram os sócios fundadores, diferente do turfe, em que quem cavalgava não era dono do cavalo.

Outro aspecto que se pode notar ao estudar o remo na cidade de Campinas é sobre a utilização do rio Atibaia, mostrando seus múltiplos usos tanto com o barco a remo, ou, sem ele. Em uma notícia da Revista A Onda de nº12 (1921) se pode ler anúncio sobre a construção de um barco, o qual seria movido à gasolina e destinado aos passeios dos sócios do clube. Reforçando com esta inovação, em São Paulo, no mesmo ano, o Sport Clube Germania,

inaugurou o primeiro cocho flutuante nas margens do rio, onde crianças, homens e mulheres podiam nadar em segurança. Além da natação, praticavam-se no clube [...] o remo e as excursões de barco pelo rio. (SOARES, p.190 e 191, 2016)

Dentre outras utilizações do rio Atibaia estão os passeios no seu entorno - como caminhadas e piqueniques - muito recorrentes na época, representando o divertimento e a aproximação da natureza, juntamente com atividades laborais como a lavagem de roupas, realizadas quase sempre por mulheres que trabalhavam nas casas ao redor do rio.

Outro quesito importante que se depreende das fontes é a presença das mulheres. Elas aparecem de duas maneiras: como remadoras, que - mesmo sendo pouco noticiada as regatas com participação feminina - apresenta-se de forma notável quando a revista escreve que as regatas do dia seriam mais interessantes pois teriam a presença de senhoritas como remadoras (REVISTA A ONDA, 1921); e como plateia ou “madrinhas” das guarnições, as quais estavam sempre de vestidos e chapéus e posavam junto às fotos das guarnições (REVISTA A ONDA, 1921). Ou seja, estas mulheres, na maioria das vezes, apareciam apenas como “enfeites” das equipes remadoras ou como torcida, não sendo associadas, assim, ao corpo forte e vigoroso do remador.

Foi encontrado apenas um indício de mulheres remando no *Clube Campineiro de Regatas e Natação* no período estudado (de 1918 a 1935), podendo haver mais fontes em anos posteriores ao período delimitado para nossa pesquisa. Seria interessante um novo estudo com a seguinte pergunta norteadora: como as mulheres se fizeram presentes durante a trajetória do *Clube Campineiro de Regatas e Natação* e quais foram suas contribuições para a prática do remo neste ambiente? Esse tema é extremamente importante, pois é necessário ampliar os estudos e a participação das de mulheres em espaços onde homens eram protagonistas.

Por fim, a partir da análise das fontes, diversas práticas que são consideradas *cultura física* estavam presentes no *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, como as batalhas de “confetti” e serpentina, festas venezianas, bailes campestres, provas de atletismo - salto com vara e lançamento de dardo, por exemplo - e competições náuticas. Essa relação se faz pelo grande número de notícias, tanto em jornais como em revistas, que mostravam que nos dias em que ocorriam as regatas, também ocorriam outros tipos de práticas incluídas no conceito de cultura física, conforme se pode ler no jornal O Combate (1923, Edição 02405, p. 2):

O Clube Campineiro de Regatas e Natação realiza hoje, no Arraial de Souza, uma festa esportiva, de cujo programma constam diversos pareos de remo e natação e um grande baile ao ar livre.

A partir da revisão bibliográfica feita acerca da emergência do remo em outras regiões do país, nota-se que, em alguns lugares, esta prática deu-se de maneira diferente de Campinas. Enquanto que nesta cidade o clube de regatas surgiu⁸ em harmonia com os novos ideais de valorização da natureza e, neste caso, de práticas ao ar livre, em outras o remo manifesta-se em função da afirmação de uma identidade nacional brasileira. Por exemplo, em Porto Alegre até o fim do século XIX, os clubes náuticos faziam parte de uma cultura teuto-brasileira. Em 1903, o GRAT (Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré) foi criado com a finalidade de reunir pessoas para a prática do remo, mas que “compartilhassem de uma identidade brasileira”, a partir da oficialização da língua

portuguesa no estatuto do clube (Silva, Mazo e Tavares, 2018). A partir dessa breve análise das intenções da criação de clubes náuticos em diferentes lugares do Brasil, surgem alguns questionamentos acerca de um panorama maior dos clubes que deixamos aqui para iluminar futuras pesquisas: quais motivos foram propulsores para a fundação de clubes náuticos em diferentes regiões do país? Essas finalidades se mantiveram durante muito tempo ou foram se alterando de acordo com a demanda dos sócios e do contexto sociocultural do período? Quais eram os lugares destinados às mulheres nesse universo de práticas aquáticas em Campinas e quais as estratégias utilizadas por elas para transgredir regras e participar de competições de remo na cidade?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?" In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia** (pp. 136 – 163). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre-RS: Zouk, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Edusc, 2004.
- FURTADO, Heitor Luiz; QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes e Silva. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018, p. 665-676.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os Cantos e os Antros**. Campinas 1860-1900. São Paulo: Edusp, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: Corag, 1986
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bessanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/ CBCE, 2001. 43 p.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**. São Paulo (1890-1922). – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MASCARENHAS, Gilmar. Imigrantes Desportistas: os alemães no Rio Grande do Sul. Scripta Nova: **Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**, Nº 5, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na história, um balanço de conceitos e perspectivas. **Revista Maracanan**, v. 12, n. 14, p. 33-48, 2016.
- MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- MELO, Victor Andrade. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n.3, 2006.
- MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten. ; SOARES, Carmen Lucia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 44, p. e178293, 2018a.
- MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise. Amgarten. A cultura física na cidade de Curitiba: a emergência de uma pedagogia corporal (1899-1909). **Revista de Ciências Sociais** (CHILE), v. 27, p. 275-302, 2018b.
- SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon; TAVARES, Otávio. O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 24-31, Mar. 2018.
- SIQUEIRA, Sandra Aparecida de. Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX). **Dissertação (Mestrado)** - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza**. Campinas: Autores Associados, 2016.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais** (1500 – 1800). Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.